

Breve Introdução

Este estudo toma por objeto a edição recém-publicada das cartas escritas por Samuel Beckett entre 1929 e 1940. Detém-se particularmente nas reflexões e inflexões sobre a linguagem que ali têm lugar, explorando certos temas que se destacam: escrita, língua, gramática, estilo, clichê, entre outros.

As reflexões aqui presentes alinham-se com um projeto de pesquisa mais amplo, liderado pela orientadora deste trabalho: partindo de uma perspectiva radical da linguagem como *forma de vida* (Wittgenstein) – visão que tem, entre outras consequências, a de forçar os limites de saberes antes chancelados pela ciência –, reclama novos campos para se pensar o acontecimento da linguagem, espaços que, embora respondam de forma vigorosa às questões e perplexidades que ele mobiliza, eram e são ainda recusados pela tradição por não se pretenderem ciência da linguagem. Dentre eles estariam, os textos epistolares (nosso caso aqui), ficcionais, testemunhais e políticos.¹ Busca-se assim, também de forma crítica, dar atenção a singularidades que costumam escapar das teorias gerais da linguagem, singularidades sobretudo associadas às diferentes possibilidades de vivenciá-la, de experimentá-la em sua irreduzível e volátil práxis.

Do ponto de vista radicalmente pragmático que orienta o projeto, assume-se que não haveria propriamente um “hiato entre a linguagem e a realidade – pois uma coisa no mundo é menos substância em si mesma, e mais uma soma de relações humanas, um apanhado de ações e de dizeres ali dispostos em muda eloquência.”² Por outro lado, reconhece-se a enorme dificuldade de habitar de forma radical esse ponto de vista em face da força cultural do *representacionismo*, a potente persistência do modo de *ver aqui a linguagem, ali o exterior que ela representa*.

Para Helena Martins, as provocações beckettianas *em torno da e na linguagem* prometem-se como campos frutíferos para lidar com essa dificuldade: pois podem “tanto ser lidas como assaltos contra as expectativas logocêntricas aparentemente irreprimíveis que depositamos sobre a linguagem, quanto convites sutis para enxergá-la, ou talvez vivê-la de outra forma”³.

¹ No âmbito deste projeto, o presente trabalho se soma a outras pesquisas de pós-graduação: Mirna Andrade (2010), Maristela Ferreira (2010), Sabrina Alvernaz Silva (2011) e Bruno Bimbi (2011).

² MARTINS, *O chapéu de Beckett*, p. 151.

³ *Ibid.*, p. 136.

É com esse horizonte que nos debruçamos sobre a correspondência do jovem Beckett, autor que pensa e faz pensar a linguagem a partir de um ataque ao lugar comum – inclusive os lugares comuns com que tendemos a figurar a própria linguagem.

Assim orientada, a dissertação se organiza da seguinte forma: No capítulo 1, teceremos a rede dos pressupostos teóricos e extrateóricos que presidem este estudo. No capítulo 2, abriremos a publicação da correspondência do jovem Beckett dando a respeito desta informações gerais e indicando a forma como ela será trabalhada e estruturada aqui. Chegando ao capítulo 3, apresentaremos a Carta Alemã de 1937, escolhida por nós como norte para o exame das demais cartas; ela foi assim eleita por despontar, dentre toda a correspondência em estudo, como a que tematiza mais explicitamente a questão da linguagem – nosso ponto principal aqui –, além de trazer o termo “logoclasta”, que por seu valor metonímico foi eleito título deste trabalho. Ao alcançar o capítulo 4, passaremos efetivamente a demonstrar as conexões e possíveis reflexões entre a carta-norte deste estudo e o restante da correspondência. Lá, criando pontes com a filosofia e a poesia, presenciaremos de perto, utilizando-nos dos termos do Beckett correspondente, uma sua tão particular experiência de deslocamento da linguagem. Finalmente, no capítulo 5, sem qualquer pretensão de ter abarcado os temas da correspondência como um todo, citaremos alguns também frutíferos caminhos a serem explorados futuramente.